

Congresso de Medicina Interna junta mil clínicos no Parque de Exposições

Bastonário quer médicos unidos com postura ética e de solidariedade

José Carlos Lima

O novo bastonário da Ordem dos Médicos alertou ontem estes profissionais de saúde de que «no momento em que se deixarem dividir» a Medicina acaba tal como nos foi legada desde Hipócrates. Falando na Abertura do Congresso de Medicina Interna, que vai reunir cerca de mil clínicos em Braga, Pedro Nunes frisou que a Medicina «é mais do que a prestação tecnológica de um serviço» devendo ser norteada por «uma postura ética e de solidariedade».

«Fui eleito para dizer algumas verdades e não sou dado a palavras de circunscrição», começou por avisar o responsável da Ordem, para de seguida frisar: «não há especialidades de primeira e de segunda, nem médicos de primeira e de segunda. Há problemas específicos de cada especialidade». Pedro Nunes notou que «só a obediência ao juramento» pode explicar a abnegação de médicos que «chegam a prestar 50, 60 ou 70 horas de serviço em insalubres serviços de saúde», em que as urgências hospitalares são «uma porta estreita» de um «sistema desarticulado».



O novo bastonário, Pedro Nunes, e vogal da ARS, Lino Mesquita, foram as "estrelas" do Congresso

Jogando sempre ao ataque, o bastonário questionou ainda: «para quando a assumpção das responsabilidades políticas? Para quando o encerramento das proliferadas Urgências abertas ao sabor dos interesses autárquicos? Para quando a articulação dos cuidados entre hospitais e centros de saúde? Para quando a redução da prolixa rede de actos administrativos de papéis, que ninguém vai ter tempo para analisar, e cuja complexidade crescente faz com

que não haja tempo nem a tranquilidade necessária para dedicar ao doente?».

No mesmo registo, o bastonário zurziu ainda contra «os corporativismos de pequenos poderes instalados e da mesquinhez de algumas lideranças, que têm de deixar nascer uma ver-

dadeira liderança que potencie a solução dos problemas». Perante a falta de vagas para os médicos necessários aplica-se «uma terapêutica insuficiente, mas a possível», onde «os doentes acabam por morrer antes do tempo», apontou Pedro Nunes.

Profissionalismo deve substituir instabilidade...

«Está na hora de aplicar a terapêutica adequada que só com a vossa experiência e empenho será possível concretizar», interpelou Pedro Nunes perante uma reduzida plateia, que esperou pela cerimónia até depois das 19h30. O bastonário terminou depois desejando ouvir sobretudo falar no tronco comum das especialidades médicas, na destruição do fosso entre hospitais e centros de saúde, diminuindo o peso da procura de urgências e de uma só carreira médica seja pública ou privada.

Antes da intervenção do bastonário, o presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna defendeu «uma atitude mais profissional e mais científica» na organização e gestão dos hospitais e organismos de saúde, para evitar a «permanente instabilidade da mu-

dança de gestores». «É fundamental que a saúde tenha um horizonte de longo prazo, com nomeação, por concurso e mérito, de pessoas capazes de concretizar a política governamental independentemente da sua cor partidária», afirmou Faustino Ferreira, à margem do 11.º Congresso Nacional de Medicina Interna, que decorre até dia 14 no Parque de Exposições, em Braga, com a presença de mil médicos.

O Congresso, que é presidido pelo médico bracarense Rodrigues Dias, será encerrado, sábado, pelo ministro da Saúde, Correia de Campos. A iniciativa envolve 100 conferências sobre diversos temas e 600 comunicações escritas dos congressistas. Faustino Ferreira apontou ainda a necessidade de suprir a falta de médicos nas especialidades generalistas, em medicina geral e familiar, interna, e em pediatria, adiantando que as três sociedades clínicas vão reunir com o ministro dia 19 para debater o tema.

Lino defende um hospital que «motive os profissionais»

JCL

No primeiro acto público em representação da Administração Regional de Saúde/Norte, Lino Mesquita Machado manifestou-se inculido de «uma forte vontade de mudar e de aproveitar o que está bem para melhor satisfazer os doentes e utentes» do Serviço Nacional de Saúde. Falando na abertura do Congresso de Medicina Interna, o ex-administrador do S. Marcos aproveitou o facto de estar «em casa» para saudar de forma especial Rodrigues Dias – seu colega ex director clínico da unidade bracarense – que preside a este reputado Congresso científico, que pela primeira

vez ocorre em Braga.

«Trabalhamos juntos, sempre procurando o melhor», quando «não bastava apresentar números, coisa que ficou na moda, ou indicadores económico-financeiros», notou o responsável da ARS – que esteve até 2003 na administração S. Marcos – frisando que «o mais difícil é envolver os profissionais e envolvê-los em torno de projectos comuns». O novo responsável da ARS – ainda não oficialmente empossado – dirigiu-se depois especialmente aos destinatários do Congresso: «Os internistas muitas vezes incompreendidos por nós gestores de recursos escassos».

Com estas afirmações, Lino Mesquita Machado quase parafraseou o recente

abaixo-assinado de contestação interna à Administração do São Marcos, subscrito por vinte directores de serviço, e que visava nomeadamente a «falta de capacidade de liderança» da directora clínica, Emília Duarte, conjuntamente com o ainda presidente do Hospital Américo Afonso e o coordenador da Sub-região de Saúde de Braga, Carlos Moreira. Todos estes responsáveis ocupavam a primeira fila do auditório do PEB e não mereceram deferência especial no novo responsável, que «ainda não» lhes foi oficialmente apresentado.

O novo vogal da ARS elencou depois a triagem, os incentivos e a organização do futuro hospital como

áreas chave a ter em conta, notando que «não basta dizer que se gasta 9,2 por cento do PIB em Saúde, que estamos ao nível dos mais desenvolvidos e que existe 20 a 30 por cento de desperdícios no sistema». «São precisas soluções aproveitar bem o que temos para obter resultados de qualidade e não só de quantidade».

Referindo-se ao S. Marcos, Lino Mesquita apontou ainda «a necessidade de melhorar a organização das camas internas, as condições do Hospital de Dia e a adequada ligação às famílias», terminando com «a redobrada esperança de que o Hospital funcione cada vez melhor».

Congresso de Medicina Interna junta mil clínicos em Braga

Médicos devem unir-se pela ética e solidariedade



O novo bastonário da Ordem dos Médicos alertou ontem estes profissionais de saúde de que «no momento em que se deixarem dividir» a Medicina acaba tal como nos foi legada desde Hipócrates. Falando na abertura do Congresso de Medicina Interna, que vai reunir cerca de mil clínicos em Braga, Pedro Nunes frisou que a Medicina «é mais do

que a prestação tecnológica de um serviço» devendo ser norteada por «uma postura ética e de solidariedade». O momento propiciou, também, a apresentação pública de Lino Mesquita Machado, que em representação da Administração Regional de Saúde/Norte, defendeu um serviço de qualidade e não só de quantidade.